

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL



De volta ao Recife, Naná desfruta os sabores da terra

Batuques e acordes no palco do Santa Isabel

Fotos de Fred Jordão

Hoje o recifense ainda terá a oportunidade de assistir dois músicos pernambucanos consagrados internacionalmente, no Teatro Santa Isabel. O show "A Luz do Solo", concebido inicialmente para São Paulo, reúne Geraldinho Azevedo e Naná Vasconcelos em Recife com um clima especial de presente para a cidade.



Segundo Geraldinho: "O Brasil pode não conhecer o Naná, mas Naná conhece muito bem o Brasil"

A coletiva realizada sexta-feira na Fundação de Cultura já apontava o clima de festa que marca este show. Geraldinho, Naná e Tomard receberam a imprensa e amigos para um papo descontraído, onde se falou de tudo, de Castanha e Caju a Villa Lobos. O centro das atrações não podia ter sido outro: Naná Vasconcelos, um recifense de 41 anos que iniciou sua carreira tocando surdo na Banda Municipal do Recife, e hoje mora em Nova Iorque, sendo considerado o maior percussionista do mundo.

Naná Vasconcelos mistou a curiosidade de todos, falando de sua carreira e de como reencontra o Brasil depois de seis anos de sua última vinda.

Visivelmente emocionado, ele falou entre um gole

e outro de batida de tamborino, "que o Brasil está bem melhor, dá pra sentir nos olhos das pessoas um brilho especial de alegria, o brasileiro está vivendo com mais vontade". Geraldinho Azevedo dirigiu sua carreira essencialmente para o público brasileiro, tendo obtido uma grande projeção. Já Naná praticamente construiu sua carreira nos Estados Unidos, o que lhe afastou do público brasileiro, mas não poupou as gravadoras de uma certa crítica: "Meus discos quando são lançados aqui, já demoram dois ou três anos para chegar. As gravadoras estão mais interessadas em um retorno imediato do dinheiro investido, talvez por isso meu trabalho seja tão desprestigiado por elas, porque

Caderno

é um trabalho independente de época... A culpa é das gravadoras e não do público. Aqui no Brasil tudo é música e ritmo, o brasileiro não precisa ficar ligado no que acontece lá fora, por isso não reclamo se o público não conhece meu trabalho, para mim já é muito importante que quando eu toco, eu represento o Brasil".

Naná tem 4 discos solos,

fez discos em parcerias com os melhores do mundo, além de ter perdido a conta de quantos discos já participou. Segundo Geraldinho, "Naná é capaz de tirar som de tudo que toca". Ele saiu do Brasil com seu berimbau para hoje fazer parte de um grupo restrito de gênios da música, sendo sempre convidado para emprestar seu talento por onde passa.

Apesar de não poder estar sempre vindo ao Brasil, ele está em contato com o que acontece por aqui, principalmente na música, que ele considera como característica típica do brasileiro. Naná falou que "o rock feito no Brasil tem muita personalidade, não é uma imitação, e é muito bom, eu gosto muito dos Palmares

e da Legião Urbana". E Naná sabe o que diz pois já gravou com os maiores nomes do rock mundial como Talking Heads, E. B. King e Sting. Naná está lançando nos Estados Unidos e na Europa seu novo disco "Nanatronics", onde incorpora ao seu trabalho a mais moderna tecnologia, com a bateria eletrônica, "não dá pra fugir desta realidade, é uma coisa que está incorporada ao dia-a-dia". Naná está tentando lançar este novo trabalho aqui no Brasil mas não sabe se vai ser possível.

Além deste show, Naná vem pianos de gravar um disco com Geraldinho Azevedo, e fazer a trilha sonora para o filme da pernambucana Raquel Berguer, "Ori". Logo após, ele volta para os Estados Unidos onde é diretor musical da "World Music Seres", um projeto de aulas para músicos de todo o mundo, sediado em Woodstock, e para continuar seu trabalho com crianças deficientes mentais. Nesta vol-

ta para os Estados Unidos, Naná Vasconcelos leva na bagagem uma fila de músicos. Quanto Marco Antônio Araújo (falecido este ano), para alguma gravadora, além da saudade do bairro de Campo Grande em Recife, que provavelmente ele vai trilhar formar em "swings" e batuques para americanos e europeus delirarem.

O encontro destes dois músicos que praticamente iniciaram suas carreiras juntos, significa uma verdadeira consagração para Pernambuco. Dois músicos de qualidade indiscutível, de origens idênticas que agora põem a serviço do público toda a experiência. O projeto "A Luz do Solo" vai estar em cartaz até hoje no Teatro Santa Isabel, às 21h 30m, onde Geraldinho Azevedo mostrará antigos sucessos como "Copacabana", "Mentana do Lido", "Bicho de 7 Cabeças", "Dia de Branco", e alguma coisa nova, enquanto Naná Vasconcelos traz pessoalmente o seu trabalho, que nos últimos anos nos chegou através de Pat Metheny, Jean Luc Ponty, Gato Barbieri, Jan Gabarek, Colonna e Egberto Gismonti. (FVJ).

Geraldo Azevedo

Pernambucano de Petrolina, Geraldo tem 41 anos e começou sua carreira no Recife por volta de 1964. Depois vai para o Rio de Janeiro em companhia de Geraldo Vandré. No Rio, forma com Naná Vasconcelos, Franklin e Nelson Angelo, o "Quarteto Livre". Em parceria com Alceu Valença participa de festivais e trilhas de cinema e novelas. Apenas em 1977 grava seu primeiro LP individual. Em 1980 participa de shows em Angola, e excursiona pelo Brasil. Quatro anos após (84), participa de projeto e LP "Cantoria" com Elomar, Xanguê e Vital Farias; e em 85 vai ao Festival de Montreux e excursiona com seu show pela Europa. Ao todo, Geraldo lançou seis discos solos, sendo o último o LP "Luz do Solo", em que se apresenta somente com violão.



Alegria e emoção de Naná e Geraldo juntos no Recife

Naná Vasconcelos

Nascido em Recife, Naná 41 anos, iniciou sua carreira aos 12 anos na Banda Municipal do Recife e, à noite, num cabaré. Depois de participar do Movimento de Cultura Popular, vai para o Rio cumprir a pena de todo nordestino. Trabalha com Geraldo Azevedo, Milton Nascimento, Gal Costa. Conhece o saxofonista Gato Barbieri, partindo para o Exterior, em 73. Não aguenta o frio americano e volta ao Brasil aproveitando para gravar seu único LP aqui "Amazonas". Ao todo seus discos são quatro: Amazonas, Saudades, Zumbi e Nanatronics). Em 85 recebe o "Ethnic Music Award", prêmio da imprensa nova-iorquina de melhor percussionista estrangeiro. Sua última apresentação no Brasil antes do projeto "A Luz do Solo" foi em 1980, no Jazz Monterrey Festival, no Rio de Janeiro.

Negros repudiam o Dia da Abolição e fazem ato público

MACEIÓ — Os negros alagoanos repudiam o 13 de maio como data da libertação dos negros, por entenderem que a verdadeira comemoração deve-se dar em 20 de novembro, dia da morte do "Zumbi dos Palmares". E, neste sentido, a Associação Cultural Zumbi e o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Alagoas, Ufal, promoveram atos públicos pelas ruas centrais de Maceió recusando-se a comemorar o Dia da Abolição.

A líder negra e presidente da Associação Cultural Zumbi, Silvete Galdino lembra que há 98 anos o 13 de maio foi instituído como o Dia da Libertação dos Negros. "Fato com o

qual não concordamos porque foi imposto e não conquistado", diz ela. Na sua opinião, os negros sofrem, ainda no Brasil moderno, as mais sérias discriminações nas periferias das grandes cidades "sempre tidos como ameaças e proliferadores da marginalidade".

E é baseada nos problemas sociais enfrentados pelos negros, que segundo ela, a Associação Cultural Zumbi e o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Ufal, estão procurando chamar a atenção da comunidade alagoana para a trajetória de trabalho da raça negra, no auxílio ao desenvolvimento do Brasil, desde os tempos da escravidão.

Antropóloga combate o racismo

JOÃO PESSOA — "O negro é um dos marginalizados pelo sistema capitalista, mas se a gente for pensar a questão do negro enquanto cor de pele, corre-se o risco de empobrecer a questão, questão esta do negro que deve ser vista como classe social, segmento de uma minoria espoliada, explorada e marginalizada". A afirmação é da antropóloga da Universidade Federal da Paraíba, Maria Otília Teles Storni. Ao falar sobre a passagem do aniversário da Abolição, chamando a atenção para que o negro não brigue

sozinho contra a discriminação. "É importante que o negro se solidarize com o restante dos movimentos sociais que brigam contra a discriminação das minorias como um todo, embora tenham sua especificidade e, principalmente, que possam trabalhar sua questão emocional da discriminação específica com a questão da cor". Maria Otília reconheceu que a questão tem conseguido vitórias no Brasil. "pois se está falando mais claramente disso e os meios de comunicação estão etacando esta questão".